



Zonas Húmidas e Turismo uma experiência única

O turismo responsável sustenta as zonas húmidas e a população



2 fevereiro **Dia Mundial
das Zonas Húmidas**



Este poster foi
possível graças ao
fundo Danone/Evian para a água



ZONAS HÚMIDAS E TURISMO

uma experiência
única

2 fevereiro Dia Mundial das Zonas Húmidas

As zonas húmidas e as formas de vida que nelas existem são uma peça fundamental na experiência turística global: desde uma visita às zonas húmidas cársticas subterrâneas das grutas de Skocjan na Eslovênia, à experiência de observar o pôr do sol, de tirar o folego, no sítio Ramsar de Port Launay nas Seychelles, observar tartarugas marinhas, baleias-de-bossa e ver o esplendor dos corais-cérebro debaixo de água no Parque Abrolhos no

Brasil a caminhar e observar aves no sítio Ramsar de Tsomoriri, a uma altitude de 4 600 metros, na Índia, para não falar da experiência cultural única que nos aguarda no Parque Nacional de Kakadu, na Austrália, lar de algumas das mais requintadas artes aborígenes que existem. Os sítios Ramsar têm imenso para oferecer aos turistas mais aventureiros.



A dimensão do turismo:

Em 2010 o número de turistas internacionais atingiu os 940 milhões, estando previsto que este número cresça e atinja os 1,6 mil milhões em 2020 – estes números não têm em conta os turistas domésticos ou pessoas que realizam viagens recreativas que não envolvem pernoita.

A nível global a atividade económica gerada por viagens e turismo representa cerca de 5% do PIB e estima-se que 6 a 7% dos postos de trabalho no mundo. Com cerca de metade dos turistas internacionais a viajar para os vários tipos de zonas húmidas, mas especialmente para as zonas costeiras. É estimado que o turismo associado às zonas húmidas gere lucros na ordem dos 925 mil milhões de dólares anuais. Se a isso juntarmos os turistas domésticos e as visitas recreativas de um dia, o valor gerado pelo turismo em zonas húmidas é enorme.



E sobre o turismo em Sítios RAMSAR – o que sabemos?

A nível global, sabemos que em cerca 35% dos Sítios Ramsar existe algum tipo de atividade turística registada, sendo extensível a todas as regiões. É claro que é importante ter em conta o turismo em todas as zonas húmidas, e não apenas naquelas classificadas com Sítios Ramsar, se todos os agentes estiverem empenhados na gestão das zonas húmidas de uma forma sensata, estes serão capazes de fornecer informação oficial apenas sobre os ecossistemas que designaram para a lista de Ramsar. É importante salientar também que o turismo é apenas um dos serviços que os ecossistemas das zonas húmidas fornecem. Garantir a sustentabilidade do turismo nas zonas húmidas e em redor das mesmas, é contribuir para a conservação das zonas húmidas, para que os outros serviços possam ser suportados.

Região	Nº. Turismo SR	Hectares	Total de Sítios	% Turismo/Sítio
África	92	31,390,974	311	30
Ásia	74	4,654,358	255	29
Europa	347	7,840,270	938	37
Neotrópicos	65	13,944,268	159	41
América do N	81	4,868,158	187	43
Oceania	21	3,219,686	77	27
	680	65,917,714	1927	35

Por diversos motivos vários um pequeno número de sítios não foi incluído nesta análise

Ramsar e o Turismo em 2012

O Dia Mundial das Zonas húmidas representa um momento oportuno para centralizar o turismo dentro e em volta das zonas húmidas, embora não seja esta a única oportunidade para tal. Em junho de 2012, em Bucareste (Roménia), a Convenção celebrará a 11ª reunião da Conferência das Partes Contratantes, e do mesmo modo que em COP prévios, temos um tema para a conferência, nesta ocasião serão as zonas húmidas, turismo e recreação. Além disto, pela primeira vez a Convenção tratará diretamente o turismo em zonas húmidas com um projeto de Resolução, que será discutido na COP11 e contribuirá para que as Partes avancem com planos nacionais e locais para alcançar o turismo sustentável nas zonas húmidas. São muitas as esperanças em conseguir uma Resolução oficial "em mãos", que ofereça um marco sólido para a necessária planificação trans-setorial e a adoção das decisões que se deverão aplicar para avançar em direção a esse objetivo.

Outro foco centrar-se-á em diversos casos-de-estudo sobre o turismo dentro e em volta dos Sítios Ramsar que abrangem todas as regiões Ramsar, que englobam variados tipos de zonas húmidas e diferentes modalidades de turismo. Na COP11 será editado um folheto sobre as zonas húmidas e o turismo, baseado nas principais lições aprendidas desses casos-de-estudo e outras fontes de informação, com alguns princípios-chave para a gestão do turismo em zonas húmidas. NÃO será esta ocasião para examinar outro conjunto de diretrizes para Ramsar, uma vez que já existe uma variedade destas disponíveis (p. ex. as diretrizes do Convênio sobre a Diversidade Biológica, diretrizes sobre a diversidade biológica e o desenvolvimento do turismo; as diretrizes sobre turismo da Comissão Mundial de Áreas Protegidas da UICN, Turismo sustentável em áreas protegidas: diretrizes para o planeamento e gestão; e o manual da Convenção do Património Mundial, Gestão do turismo em sítios do Património Mundial: Manual prático para administradores de sítios do Património Mundial).

Em todas as iniciativas mencionadas, o Secretariado Ramsar apraz-se em trabalhar em colaboração com a Organização Mundial do Turismo (OMT), organismo especializado das Nações Unidas e organização internacional líder neste âmbito. O Secretariado tem um memorando de cooperação com a OMT desde 2010 e o trabalho que atualmente desenvolve supõe uma mostra prática dos benefícios que se obtêm com o trabalho trans-setorial para conduzir à prática do uso racional das zonas húmidas

Definição de turismo sustentável e ecoturismo

Na Convenção existem muitos relatórios e projetos relacionados com o turismo sustentável e o ecoturismo, este último frequentemente representado como particularmente útil e benéfico quer para a vida selvagem como para as comunidades locais. Mas, por acaso todos nos referimos ao mesmo quando utilizamos estes termos? No nosso projeto de Resolução que se apresentará na COP11, adotámos as definições da OMT para ambos os termos

Por **turismo sustentável** entende-se a colocação em prática no turismo dos princípios do desenvolvimento sustentável – estabelecidos na Cimeira da Terra celebrada no Rio em 1992. Significa garantir que o turismo:

- protege a natureza e contribui para a conservação da biodiversidade;
- respeita as comunidades locais, o seu património cultural e valores;
- proporciona às partes interessadas benefícios socioeconómicos, que se distribuem de forma equitativa e que representem oportunidades de emprego e de rendimento estáveis e serviços sociais para as comunidades locais; e contribua para a redução da pobreza.

Os anteriores princípios constituem a base da definição completa da OMT de turismo sustentável (disponível em <http://sdt.unwto.org/en/content/about-us-5>) e são completamente compatíveis com o princípio de uso racional da Convenção Ramsar para a gestão das zonas húmidas.

Ecoturismo é uma classe especial de turismo sustentável e é preciso defini-lo de um modo claro, pois existe um grande número de interpretações diferentes deste termo.

A definição de ecoturismo da Organização Mundial do Turismo

Ecoturismo emprega-se para designar as formas de turismo que tenham as seguintes características:

- Toda a forma de turismo baseada na natureza, em que a principal motivação dos turistas seja a observação e apreciação dessa natureza ou das culturas tradicionalmente dominantes nas zonas naturais.
- Inclui elementos educacionais ou de interpretação.
- Geralmente, mas não exclusivamente, está organizado para pequenos grupos por empresas especializadas. Os provedores de serviços que colaboram no destino tendem a ser pequenas empresas de propriedade local.
- Procura reduzir o mais possível todos os impactos negativos sobre o entorno natural e sociocultural.
- Contribui à proteção das zonas naturais utilizadas, como centros de atracção de ecoturismo:
 - Gera benefícios económicos para as comunidades, organizações e administrações anfitriãs que gerem zonas naturais com objetivos conservacionistas;
 - Oferece oportunidades alternativas de emprego e rendimento às comunidades locais;
 - Incrementa a consciencialização sobre conservação de ativos naturais e culturais, tanto nos habitantes da zona como nos turistas.

Fonte: Organização Mundial do Turismo (2001). O mercado britânico do ecoturismo. Informação Especial. Página 23.



Turismo nas zonas húmidas – existem boas e más notícias

As boas notícias

Existem sempre boas notícias! O turismo bem gerido nas zonas húmidas e áreas circundantes pode trazer benefícios significativos a nível económico e ambiental para o sítio, a nível regional e nacional. As comunidades locais e os governos por vezes podem beneficiar economicamente, em termos de lucros e empregos. A nível nacional, as receitas provenientes do turismo podem ser significativas. Por exemplo, a Namíbia estimou que em 2007 o turismo gerou 14,2% do PIB (incluindo contribuições diretas e indiretas) e as atividades de turismo de natureza são o principal motivo pelo qual os turistas visitam o país. Dos seis parques da Namíbia, o Sítio Ramsar Etosha Pans atrai 200.000 visitantes por ano, de longe o número mais alto entre os parques.

As zonas húmidas por si podem beneficiar diretamente quando os lucros do turismo (entradas, produtos locais, etc.) são usados em medidas de conservação dessas zonas, ligando assim o turismo à conservação a longo prazo. Na Eslovénia, a receita anual estimada, de entradas e vendas na loja de recordações, é de 950.000 euros, no Sítio Ramsar das grutas de Skocjan, que ocupam uma área de 305 hectares. Estes lucros, que se deveram aos 96.000 turistas em 2010, foram reinvestidos nas infraestruturas do parque ou em esforços de conservação. No Parque Nacional Kakadu, na Austrália, (um

Sítio Ramsar e Património Mundial que ocupa uma área de quase 2 milhões de hectares) 40% das receitas das entradas, dos cerca de 200.000 visitantes anuais, são atribuídos ao Fundo de Terras Aborígenes para o financiar os proprietários tradicionais de Kakadu. Os restantes 60% são utilizados para cobrir os custos operacionais de conservação e manutenção do parque natural e do seu valor cultural.

Os lucros também podem ser aplicados na formação de guias locais ou de operadores turísticos, para que estes possam compreender as principais características das zonas húmidas e lhe seja possível explicar aos turistas, pelos quais são responsáveis, medidas simples de conservação – e ao mesmo tempo, modificar a sua atividade de forma a minimizar o seu próprio impacto ambiental. A existência de sinalética adequada nas zonas húmidas, panfletos simples, etc., pode também demonstrar, aos turistas, os valores e os benefícios que estas trazem a todos nós.

Parcerias com ONGs podem fornecer competências na gestão do turismo e sobre como alcançar a sustentabilidade. O Sítio Ramsar de Tsomoriri, uma belíssima zona húmida em altitude - Caxemira (Índia), tem muito para oferecer ao turista - um cenário deslumbrante, é um importante território de

reprodução para muitas espécies de aves aquáticas (tais como os grou), a cultura nômade, etc. A WWF-Índia está a trabalhar com o Departamento para a Vida Selvagem, no desenvolvimento do turismo com base em iniciativas da comunidade, como o alojamento local, albergues locais, etc., para garantir que a comunidade local tem as competências necessárias para beneficiar diretamente do turismo.

O negócio do turismo pode fornecer um grande suporte à sustentabilidade da biodiversidade, às zonas húmidas e a outros ecossistemas. Deixamos de seguida alguns exemplos:



O negócio do turismo pode promover e suportar a biodiversidade nas zonas húmidas através:

Ecoturismo emprega-se para designar as formas de turismo que tenham as seguintes características:

- reduzir a poluição proveniente das atividades turísticas, particularmente assegurando que todos os resíduos líquidos e sólidos são corretamente tratados e eliminados de forma a não prejudicar a biodiversidade, e através da redução do uso de pesticidas, fertilizantes e químicos tóxicos;
- obter todas as matérias-primas para a alimentação e outros recursos biológicos usados nas atividades turísticas, a partir de recursos gerados de forma sustentável;
- apoiar os esforços de conservação da biodiversidade dos organismos governamentais e ONGs através de ações práticas, contribuições financeiras, por exemplo, através de patrocínios e doações voluntárias;
- garantir que não são introduzidas espécies exóticas invasoras através de atividades turísticas;
- assegurar que as espécies ameaçadas ou em perigo de extinção não são colocadas em risco pelas atividades turísticas e que estas não entrem na cadeia de fornecimento turístico (especialmente como alimento ou lembrança); e
- utilizar as comunicações e a força do mercado do sector turístico para alertar e consciencializar os turistas e autoridades de destino sobre o valor da biodiversidade e as medidas que podem adotar para os proteger.

Fonte: Organização Mundial do Turismo (2010). *Objetivos Comuns Rumo à Sustentabilidade*, Organização Mundial do Turismo, Madrid, Espanha

As más notícias

O crescimento rápido e contínuo do turismo coloca uma enorme pressão nos locais mais desejados em termos turísticos e respectivos atrativos naturais. A espécie humana é particularmente atraída pela água, o que coloca as zonas húmidas costeiras, como as praias dunares, sapais e recifes de coral sob grandes ameaças devido ao desenvolvimento de infraestruturas turísticas.

Os ecossistemas húmidos são maioritariamente frágeis e, sem um controlo adequado do seu uso, há sempre um risco do turismo ter efeitos negativos nos habitats, animais e plantas característicos das zonas húmidas, bem como nas comunidades locais que dependem das zonas húmidas para subsistirem.

Muitos de nós estamos familiarizados com o outro lado do turismo descontrolado: danificação dos recifes de coral, devido à má conduta e pouca formação dos profissionais das embarcações de mergulho e mergulhadores; efeito do pisoteio provocado por taxas descontroladas de visitantes a habitats sensíveis, como as turfeiras, por exemplo, levando à erosão; distúrbios excessivos na reprodução de aves e muitos outros problemas. A lista é grande, especialmente em zonas costeiras e a publicação da OMT *Gestão da saturação turística em sítios de interesse natural e cultural – Guia prático (2004)*, contém numerosas sugestões para a “gestão do congestionamento operacional”.

Existem também muitos exemplos de impactes negativos nas comunidades locais quando o desenvolvimento turístico exclui os usuários locais da zona húmida a favor das visitas turísticas, afetando assim os meios de sustento locais e existem casos de sítios onde os benefícios económicos do turismo dentro das zonas húmidas e áreas circundantes geraram benefícios económicos ao sector turístico nacional e internacional mas pouco ao governo local ou às comunidades locais que têm a responsabilidade de gerir a zona húmida, podendo depender dela.

O turismo fora das zonas húmidas, também pode ter impactos adversos na própria zona húmida. A extração da água para consumo, o saneamento e irrigação para as instalações turísticas, proveniente dos rios e aquíferos que mantêm o regime hídrico das zonas húmidas, a sobre-pesca e as capturas excessivas de marisco para abastecer hotéis e restaurantes, a deficiente eliminação dos resíduos e, em alguns casos, a descarga de efluentes em zonas húmidas são só algumas das formas em que o desenvolvimento turístico das imediações pode causar danos aos ecossistemas interiores e litorais. A maioria dos leitores, deve ter, sem dúvida, os seus próprios exemplos desta situação.



Quem pode contribuir para alcançar o turismo sustentável nas zonas húmidas?

Do ponto de vista da Convenção de Ramsar, os implementadores chave, entre as Partes Contratantes, são sem dúvida as nossas Autoridades Administrativas nos governos nacionais. De forma a facilitar a gestão sustentável do turismo, os nossos principais implementadores, tanto governos como as ONG, terão de trabalhar de forma efetiva com todos os envolvidos na planificação da

gestão do território, com os operadores turísticos, com as comunidades locais, entre outros, se pretendemos que o turismo nas zonas húmidas sejam sustentável. Um grande desafio! A chave para gerir o turismo nas zonas húmidas é desenvolver uma melhor compreensão entre os grupos alvos mencionados anteriormente.

Decisores políticos nacionais e regionais

- Autoridades administrativas e outras entidades de decisão política nacionais/regionais

Sectores económicos do turismo

- Decisores políticos dos governos nacionais na área da gestão do território
- Operadores / investidores / programadores turísticos
- Governos locais (em termos de gestão dos destinos)

Gestores das zonas húmidas

- Os gestores das zonas húmidas que estão no campo e os restantes que trabalham aos mais diversos níveis, incluindo os funcionários governamentais, bem como as ONG e em alguns casos os gestores privados de terrenos em zonas húmidas .

Operadores turísticos dos Sítios de zonas húmidas

- Aqueles que oferecem serviços aos turistas: associações de guias, agências de viagem, operadores turísticos locais, comunidades locais, alojamentos, hotelaria e transportes, desde grandes operadores internacionais a pequenos que estão dentro ou perto dos Sítios ou mesmo gestores de áreas húmidas.

O que pode fazer para assinalar este Dia Mundial das Zonas Húmidas focado no turismo?

O Dia Mundial das Zonas Húmidas 2012 oferece várias oportunidades fantásticas para centrar a sua campanha DMZH, em alguns aspetos do turismo relevantes para as zonas húmidas na sua região. Talvez seja uma oportunidade para sensibilizar sobre o modo como as pessoas podem ser turistas responsáveis, a nível do seu comportamento como turista, bem como nas escolhas que de hotéis ou de operadores turísticos que demonstram preocupação com esta temática. Talvez seja uma oportunidade para trabalhar com os operadores turísticos locais, em termos da

sua de pegada ecológica e do papel que estes podem desempenhar na sensibilização dos turistas para as problemáticas ambientais. Talvez seja a oportunidade para debater com os decisores políticos, a necessidade das zonas húmidas e as atividades turística que nelas existem, serem completamente integradas nos planos e políticas para o turismo ou para ajudar a comunidade local a desenvolver as suas competências: como guias ou até fornece alojamentos locais. Existem tantas possibilidades.



Convenção de Ramsar
Rue Mauverney 28
CH-1196 Gland, Switzerland

Organização Mundial do Turismo
Capitan Haya 42
28020, Madrid, Spain

www.ramsar.org

www.unwto.org